



## ***ONU “legaliza” a colonização da Palestina e normaliza o holocausto palestino***

**Organizar as massas no campo  
da independência de classe para travar a  
guerra contra a burguesia genocida,  
pela destruição de Israel  
e pelo fim do capitalismo!**



A ONU aprovou no Conselho de Segurança o “plano de Paz” de Trump, que nada mais é que a legitimação da colonização de Gaza e Cisjordânia. A decisão das burocracias herdeiras do estalinismo da Rússia e China de se abster foi mais uma facada nas costas dessa casta contrarrevolucionária contra as nações e das massas oprimidas. Os governos árabes fazem contas de quanto poderão lucrar se associando ao imperialismo e sionismo. A Autoridade Nacional Palestina apoia a colonização e o holocausto porque pretende estender seu parasitismo sobre parte dos investimentos que serão despejados sobre a terra devastada e os corpos enterrados e trucidados dos palestinos de Gaza e Cisjordânia.

A ONU decretou que o imperialismo e o sionismo estão por cima de qualquer norma do direito internacional, e que uso da força para realizar os negócios monopolistas sobre os ossos e o sangue das massas palestinas se sobrepõem a quaisquer direitos nacionais e democráticos que lhe eram reconhecidos formalmente. Como alertamos nosso manifesto nº 89, distribuído no ato do dia 09/11, “O “plano de paz” de Trump significa a institucionalização do genocídio e objetiva a uma completa redefinição demográfica, econômica e política da Palestina ocupada e de toda a região em favor do imperialismo e do sionismo”. É isso que a ONU decretou como “direito” ao aprovar a institucionalização dos métodos da colonização militar, da pilhagem, do genocídio e da limpeza étnica. Como se vê ainda nas ações em Líbano e Síria, essa “normalização” do direito do imperialismo e seus vassalos ao genocídio e à colonização será estendida para todo o Oriente Médio. Não é por acaso que o Irã está sendo ameaçado por uma nova guerra, ou que a Venezuela está ameaçada de intervenção para os EUA se apropriar de seus recursos. A tendência objetiva de um confronto contra China pelo domínio dos mercados, tecnologias e produção industrial, bem como “plano de paz” para Ucrânia, demonstra que cada medida, cada proposta, cada “plano” de Trump e aliados aproxima a humanidade mais e mais da barbárie.

Foi assim rasgado o véu farsesco do direito e das leis internacionais que a burguesia ergueu no passado, e que hoje ela mesma, à vista das massas, demonstrou que não existem limitações legais, políticas, sociais, jurídicas ou morais para os apetites de lucro dessa classe assassina, genocida e cínica. Sua existência como classe empurra a humanidade e as nações à barbárie das guerras e contrarrevoluções. As máscaras caíram e o rosto do capitalismo está claramente exposto: um regime e um sistema planejado e arquitetado para o roubo, o holocausto e a guerra contra os oprimidos.

Por isso que se alinhar ao respeito da lei internacional burguesa serve de farsa retórica aos governos como o de Lula para manter sua cumplicidade no genocídio palestino. Lula e a burguesia brasileira estão de mãos dadas em apoiar o plano de Trump, apesar dos falaciosos discursos e caracterizações, como o de genocídio dos palestinos. Enquanto isso, continuam fazendo negócios e mantendo acordos de todo tipo com o estado colonial, terrorista e genocida de Israel. Está aí claramente exposta a razão de porquê Lula NUNCA vai romper relações com Israel. Qualquer que seja o governo burguês de plantão, os lucros monopolistas se sobrepõem (e extingue) ao direito à vida das massas e à libertação dos povos oprimidos. Se realmente queremos que se rompam as relações, então devemos arrancar de Lula essa medida pela força coletiva da luta de classes atacando os interesses do sionismo em nosso país. Para dar passos por esse caminho, o proletariado deve romper com suas direções pelegas e traidoras, e combater os governos e os interesses imperialistas-sionistas com a luta de classes.

As massas oprimidas do mundo todo devem se livrar e romper com suas ilusões nos organismos, nos métodos, instituições e governos de seus inimigos de classe e oressores. A ONU, as burguesias e quase todos governos – junto à traição das burocracias russa e chinesa - demonstraram que o que está colocado é não se ajoelhar e tentar juntar os pedaços das normas e leis que foram rasgados, e sim dar passos para criar as condições de uma guerra total dos oprimidos e explorados contra seus oressores e algozes. Defender o direito irrenunciável dos palestinos a se defender com qualquer método que decidam é reconhecer que a única linguagem que entenderá a burguesia é o da violência revolucionária de massas pela sua libertação nacional e social, oposta à violência contrarrevolucionária da burguesia mundial.

A tarefa democrática da libertação e autodeterminação nacional dos palestinos é parte e elo integrante da luta revolucionária dos explorados e oprimidos pelo fim do capitalismo. Essa tarefa democrática e nacional, porém, para ser vitoriosa e firmar à autodeterminação nacional sobre toda a Palestina histórica, terá de recorrer aos métodos e se projetar como parte integrante da estratégia socialista e da luta revolucionária do proletariado pelo fim da opressão nacional e de classe.

Somente com um governo operário e camponês, a ditadura do proletariado, na base da propriedade nacionalizada sob controle coletivo operário, existirá as condições históricas e materiais para passar das palavras e da retórica à ação internacionalista de ajudar à resistência e nações oprimidas a derrotarem o imperialismo e qualquer seja seu vassalo. A libertação da opressão nacional e social das massas só pode ser apenas encarnada por uma direção classista e revolucionária, que lutando sob a estratégia de um estado Palestino, uno e socialista, e erguendo a tática da frente única anti-imperialista, avance pelo caminho da revolução social e, assim, salvará a humanidade da barbárie que a burguesia nos alastrá.